REALIS
Revista de Estudos
AntiUtilitaristas e PosColoniais
Vol.1, nº 02, Jul-Dez 2011 www.revista-realis.org ISSN 2179-7501

A INVENÇÃO DAS REGIONALIDADES BRASILEIRAS SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E SUBALTERNOS[1]

Candice Vidal e Souza[2]

Resumo: O problema da diferença cultural interna ao Estado-nação é central nos imaginários sobre identidades regionais. A proposta do artigo é analisar estudos de base etnográfica e histórica sobre classificações sócio-territoriais, tais como aquelas referidas ao Nordeste e a Minas Gerais. Esses conjuntos discursivos que constroem as regiões nomeiam e contrastam partes do Brasil, suas características geográficas, históricas, demográficas e culturais, sem pôr em questão o pressuposto de pertencimento a uma mesma nação. A partir disso, proponho interpretações da fabricação de diferenças e desigualdades internas ao Brasil, em idioma sócio-espacial. Para tanto, recorro aos estudos pós-coloniais e subalternos que têm como eixo de reflexão os processos de alterização ou produção de outridades.

Palavras-chave: Nação. Regionalidades. Nordeste. Minas Gerais. Estudos pós-coloniais.

Abstract: The problem of cultural differences inside the nation-state is central to the imaginary of regional identities. The aim of the article is to analyze ethnographic studies based on historical and socio-territorial classifications, such as those referred to the Brazilian Northeast region and the state of Minas Gerais. These discursive sets that built the regions nominate and contrast parts of Brazil, its geographical, historical, demographic and cultural characteristics, without calling into question the assumption of belonging to one nation. From this, I propose interpretations of the manufacture of internal differences and inequalities into Brazil, on a socio-spatial language. For this purpose, I turn to postcolonial and subaltern studies that have as axis of reflection processes of production of otherness.

Key-words: Nation. Regionalities. Nordeste. Minas Gerais. Postcolonial studies.

Introdução

A interpretação dos enunciados multilocalizados sobre as diferenças internas à nação brasileira tem sido realizada por trabalhos críticos de historiadores e antropólogos. O olhar renovado sobre os processos de nomeação, classificação e hierarquização dos espaços e dos modos de vida atribuídos/imputados a cada lugar demarcado se apóia em referências teóricas e metodológicas de grande alcance compreensivo. Certamente Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Louis Dumont, Norbert Elias e John Scotson, além de Homi Bhabha, são os autores

[1]Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Internacional da Associação Latinoamericana de Sociologia (ALAS), UFPE, Recife (PE), 6 A 11 de setembro de 2011 como parte da programação do Grupo de Trabalho "Imaginários sociais, memórias e pós-colonialidade".

[2] Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/MG. Endereço eletrônico candice.vidal@yahoo.com.br

que permitem recolocar as questões sobre a produção das diferenças e desigualdades produzidas no Brasil. Por suas leituras, reconhecemos o poder de exclusão e o lugar de inferioridade colocado sobre certas regionalidades, bem como a posição de superioridade e de centralidade assumida e reforçada por algumas das partes que se pensam como núcleo e reserva da nação.

A proposta deste artigo é apresentar e comentar dois trabalhos de fôlego sobre a formulação de dois discursos identitários, duas produções de alteridades que em si representam interdependências entre um eu e um outro regional. São eles o Nordeste, desvendado por Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999), e Minas Gerais, desconstruída por João Batista de Almeida Costa (2003).

De partida, argumento que esse modo de interpretar as regionalidades vai em busca da localização das enunciações, dos efeitos políticos e subjetivos dos processos de identificação/alterização, da dimensão interrelacional e indissociável da ação de falar de si e dizer sobre o outro. Acima de tudo, encontramos autores que estão falando *de dentro* do universo representado, participando de um "nós" que é a porção inferiorizada na classificação hierárquica em jogo. É por isso que se fala na "dor" de se sentir à margem, no lugar do não-reconhecimento. Isso não significa que recorram a uma oposição simples como nós (que somos imputados) *versus* eles (que nos classificam), pois se reforça o caráter de subjetivação e possível reprodução do lugar e da fala estigmatizada.

Como escreve Durval Muniz de Albuquerque Jr., "não existe exterioridade às relações de poder, porque nós também estamos no poder, por isso devemos suspeitar que somos agentes de nossa própria discriminação, opressão ou exploração" (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 21).

A posição assumida, como mostro adiante, é aquela do viver entre fronteiras, o "entre lugar" de Homi Bhabha. Os horizontes anunciados nos dois trabalhos se fundem em algum lugar sugerido por suas últimas frases. João Batista de Almeida Costa sugere a possibilidade de criação de "novos signos identitários" (COSTA, 2003, p. 312), enquanto Durval Muniz de Albuquerque Jr. acredita que "é possível com arte inventarmos outros Nordestes, que signifiquem a supressão das clausuras desta grande prisão que são as fronteiras" (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 317).

Antes de deixar ao leitor essas possibilidades no cenário da fabricação de categorias identitárias, os dois autores empreenderam uma detalhada e perspicaz análise das formas e

REALIS
Revista de Estudos
AntiUtilitaristas e PosColoniais
Vol.1, nº 02, Jul-Dez 2011 www.revista-realis.org ISSN 2179-7501

dos contextos de enunciação do *Nordeste* e de *Minas Gerais*, aqui tomadas como categorias de entendimento nativas.

Dois exemplos de análise da construção dos espaços nacionais

A invenção do Nordeste e outras artes (1999) é originalmente a tese de doutorado em História de Durval Muniz. Pelo uso da palavra invenção no título já há indicações sobre os princípios interpretativos e metodológicos do autor. Sua referência maior é Michel Foucault, opção que demarca claramente os propósitos de sua investigação. A longa citação de trechos introdutórios do livro deixa claro ao leitor:

> O que faremos nesse texto é a história da emergência de um objeto de saber e de um espaço de poder: a região Nordeste. Buscaremos estudar a formação histórica de um preconceito, e isso não significa previamente nenhum sentido pejorativo. O que queremos estudar é como se formulou um arquivo de imagens e enunciados, um estoque de 'verdades', uma visibilidade e uma dizibilidade do Nordeste, que direcionam comportamentos e atitudes em relação ao nordestino e dirigem, inclusive, o olhar e a fala da mídia. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 317)

As falas e imagens gestadas no âmbito da política, da literatura, das artes plásticas, da música, do cinema e da mídia (sobretudo televisão, revistas e jornais) são acompanhadas pelo autor desde fins do século XIX até o século XX, nas variadas possibilidades de imaginar, nomear e avaliar o Nordeste em relação à nação brasileira, em contraste privilegiado com outra região também inventada, São Paulo.

O autor, ao perscrutar essas formas de falar do Nordeste, geradas de dentro e de fora de suas fronteiras, recusa a suposta existência de um "verdadeiro" Nordeste, como postulado por alguns intelectuais que pretendem trocar o sinal negativo dominante nesses registros e fazer notar a face positiva do Nordeste "tal como ele é", sem o olhar estereotipado pelo alheio. Não há pois um Nordeste "como ele é". Aceitá-lo "seria pleitear a existência de uma verdade para o Nordeste, que não existe. É esquecer que o estereótipo não é apenas um olhar ou uma fala torta, mentirosa. O estereótipo é um olhar e uma fala produtiva (...) ele se materializa ao ser subjetivado por quem é estereotipado, ao criar uma realidade para o que toma como objeto" (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 20).

Os enunciados sobre o Nordeste constroem a região, têm efeitos performativos que são reiterados nas inumeráveis repetições de imagens e identificações, as quais contribuem para formular uma totalidade homogênea assumida pelos de dentro e pelos habitantes de outras

regiões do país. Uma contribuição relevante do trabalho é desistir da oposição externo *versus* interno para qualificar a produção das identidades regionais. Em certo plano, aquele que remete à formação das subjetividades e ao diálogo interno entre a imagem de si e a imagem do outro, essas ponderações são bastante apropriadas. No entanto, como observei em outro lugar (SOUZA, 2010), o fato de pertencer ou não ao lugar nomeado afeta diferentemente o autor ou objeto da representação. Esse ponto será mais desenvolvido no trabalho sobre o *Norte Mineiro*, graças à aproximação aos estudos subalternos.

A pesquisa etnográfica de João Batista de Almeida Costa reflete sobre os registros textuais, espaciais e interacionais existentes sobre as divisões regionais elementares em Minas Gerais: as *minas gerais* e o *norte de Minas*. As cidades surgidas com a atividade mineradora e o espaço demarcado pela atividade de criação de gado e pela urbanização bandeirante ao longo do rio São Francisco produzem as duas "realidades" figuradas nos discursos analisados. As bases da observação etnográfica são as cidades de Mariana (sustentada por suas primazias e tradicionalidade) e de Matias Cardoso (marca da expansão bandeirante e do viver sertanejo em Minas Gerais).

A visão de que Minas Gerais sintetiza o Brasil, é o estado centro e a soma da nacionalidade, está presente nas imagens de Minas. A representação regional se faz a partir do pressuposto de que "Minas são várias", tal como foi expresso por Guimarães Rosa. No entanto, apenas uma parte dessa diversidade interna recebe o atributo da diferença, é colocada na posição de margem, de inferioridade. Trata-se da região norte-mineira, da qual se diz jocosamente que é habitada por *baianeiros*. Como diz o autor, são os norte-mineiros os únicos mineiros hifenados, os mineiros falsos pela sua proximidade cultural com a Bahia (sotaque, fenótipo mestiço). Distinguem-se então dos auto-proclamados "mineiros da gema".

A criatividade da análise reside na percepção de que há um vínculo estreito e uma interdependência nas representações de si e do outro entre marianenses e matienses, entre *mineiros* e *baianeiros*. A hierarquia estabelecida entre essas partes de Minas Gerais replica a relação entre centros e periferias, núcleos e margens. O propósito é "interpretar o englobamento e a exclusão do Norte de Minas e a resistência dos norte mineiros (COSTA, 2003, p. 16). Para tanto, a ideia de englobamento do oposto central na teoria da hierarquia de Louis Dumont (1998), assim como a sociologia da divisão entre estabelecidos e *outsiders* empreendida por Elias e Scotson (2000), são articuladas para compreender o poder da

distinção e seus efeitos de produção de lugares desiguais na relação com a totalidade Minas Gerais.

A oposição ouro *versus* gado sustenta as representações marianenses da sociedade pastoril identificado ao norte de Minas. Como observou o autor, "(...) diversos marianenses afirmaram não dever-se-ia chamar norte de Minas, mas sul da Bahia. A imagem construída sobre o norte de Minas apóia-se sobretudo em negatividades, dentre elas, a região tem sua imagem baseada numa paisagem compreendida como desértica (...)" (COSTA, 2003, p. 131). Percebida como poluição à imagem de Minas Gerais, essa porção do estado é alvo da abjeção dos mineiros das gerais.

Evidencia-se em várias fontes de discursos e práticas "a centralidade da região aurífera na identidade mineira, encompassando a região pastoril à ordem social mineira, mas construída como alteridade e mantida na fronteira da organização simbólica" (COSTA, 2003, p. 29). A condição de inferioridade exclui o norte do concerto das regiões de Minas Gerais, por se distanciar irremediavelmente da Minas geratriz.

Entretanto, a complexidade desse enredo revela que Minas Gerais não pode ser pensada como síntese do Brasil sem o que o norte representa da nação: o sertão. Essa fissura permite que os norte mineiros retruquem diante da negação de seu lugar em Minas Gerais e recuperem em certos contextos seu direito de fala, de estar no "entre lugar", na condição de fronteira. São exemplares os eventos narrados em um show da banda Asa de Águia em Montes Claros, no qual o público se negou a repetir "Eu sou mineiro..." e respondeu com "Eu sou norte mineiro...", e a entrevista do agricultor José Lima (COSTA, 2003, p. 309). Ambos revelam a consciência da alteridade ou "a voz baianeira expressando sua subalternidade" (COSTA, 2003, p. 300): "Virgem Santa, achar que eu sou meio gente?", indaga José Lima ao ser acusado de *baianeiro*.

Há várias reações à imposição de totalidade e subordinação ao centro simbólico de Minas Gerais pelos norte mineiros. A afirmação desse lugar próprio que reclama sua parte na figuração imaginária e na distribuição dos benefícios políticos – a luta contra o *esquecimento* – se faz no plano das interações cotidianas, nas situações de confronto entre a consciência de si e a imputação desqualificadora vinda do outro próximo.

Como observa João Batista de Almeida Costa,

> as diferenças culturais emergem a partir de processos de deslocamentos e disjunção que não totalizam a experiência e que podem ser compreendidas a partir de histórias de imigração, de narrativas de diásporas e de deslocamentos sociais de lavradores e aborígenes. Situada nesse espaço vivido em fronteira, a articulação

REALIS
Revista de Estudos
AntiUtilitaristas e PosColoniais
Vol.1, nº 02, Jul-Dez 2011 www.revista-realis.org ISSN 2179-7501

> social da diferença é uma negociação complexa, sempre em processo, em que as minorias, isoladas por imposição dos centros de poder e sem privilégios, buscam o direito de se expressar. E, em seus processos de subjetivação totalizam a experiência do entre-lugar vivenciando a consciência de não ser (COSTA, 2003, p. 306).

A contribuição dos estudos subalternos é notável neste quesito, pois se trata de visibilizar etnograficamente esses momentos de reação, de reelaboração do estereótipo atribuído por quem tem poder de fazê-lo. São os caminhos subjetivos da identidade coletiva situada no contraste e na interrelação com o contrário. No campo das classificações regionais, as palavras que carregam estereotipia e estigma nada têm de inofensivas. Michael Herzfeld (1997, p. 157) percebeu esse fato com agudeza:

> O ato de estereotipar é por definição redutor e, como tal, sempre marca a ausência de alguma propriedade presumidamente desejável em seu objeto. Dessa forma, ele é uma arma de poder discursivo. Ele faz algo, e algo muito insidioso: ele de fato retira do outro certa propriedade, e o perpetrador reclama sua inocência moral com base no argumento de que a propriedade em questão é mais simbólica que material, que *o ato de estereotipar é "meramente" uma maneira de falar, e que "as palavras nunca podem te machucar* (grifos meus).

Pensar a nação e a região: a referência discursiva e a perspectiva pós-colonial e subalterna

No trabalho de Durval Muniz, a temática das formas e processos de construção das "dizibilidades e visibilidades" do Nordeste se resolve analiticamente em torno de Michel Foucault, do qual provêm a formulação dos objetos e o léxico empregado na análise de falas e imagens presentes em romances, biografias, ensaios, fotografias. Como observei em outro lugar (SOUZA, 2011), essa exclusividade teórica impede que outras perspectivas contemporâneas sobre narrativas das identidades nacionais ou regionais sejam incorporadas e postas em conversa com o debate em torno de "poderes e saberes". Do mesmo modo, a insistência sobre a especificidade da construção da região Nordeste afasta o autor da comparação com formas de narrar outras regiões brasileiras, exercício fundamental para a compreensão dos mecanismos de invenção das fronteiras intranacionais e dos significados em torno da produção de alteridades/outridades.

Possivelmente, a incorporação das discussões sobre identidades nacionais e narrativas que hoje englobamos sob a denominação de estudos pós-coloniais e subalternos permitiria a Durval Muniz escapar e ir além da desconstrução foucaultiana das representações regionalistas. Ainda que seja válido compreender a solidificação de modos de falar e de ver

um povo e um lugar e a sua clara vivacidade e plasticidade no presente, a consciência das relações de exclusão e subalternização no interior das representações do Nordeste só pode contribuir para o confronto com as falas autorizadas se as vozes de pensadores "menores" também forem colocadas em cena.

Outra vez, a visada sobre as subalternidades reconhece que no campo da região inferiorizada há um espaço de pontos de vista complexificado pelas desigualdades internas. No caso de Minas Gerais, Costa percebe as distinções de classe social e etárias na percepção de si e do outro. Tal consciência está presente no seguinte diálogo do pesquisador com o agricultor José Lima:

> P: E que espécie de gente diferente o senhor é?
> R: Eu sozinho não, esse mundão de gente que vive neste norte seco e sofrido. Mas só para os fracos, não é, que os fortes esses fazem o que querem. Mas eles também, nós todos formamos uma nação diferente de gente, essa nação de baianeiros. Deve ser por isso que nós somos mais pobres que os pobres de Minas e da Bahia, não é? (COSTA, 2003, p. 309)

Ambos os trabalhos devem ser situados no contexto das tendências construtivistas na análise das identidades nacionais e regionais, que teriam sua versão mais prestigiada na proposta de Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas* (2008) [Ou em sua primeira tradução, *Nação e consciência nacional* (1989)], ainda que surpreendentemente esse autor não esteja na bibliografia do livro de Durval Muniz. Na medida em que duvidam da existência da verdadeira região Nordeste ou da Minas imaginada pelos mineiros, estão ressoando os princípios analíticos e metodológicos postos por Benedict Anderson.

Indo além da compreensão das comunidades regionais imaginadas, Costa argumenta o processo de interdependência entre os personagens coletivos construídos. Por isso, conclui por enunciar a "inexistência do mineiro como construído pela mineiridade. (...) o mineiro não existe porque nele existe o baianeiro e vice e versa" (COSTA, 2003, p. 312). Assim poderíamos pensar a constituição do Nordeste como outro da nação brasileira tal como formulada por seus centros simbólicos. Trata-se de uma entidade inventada a pretexto de denunciar a desigualdade, mas ela bem serve é à definição do eu. Rita Segato percebeu exatamente esse processo, pois se os discursos de construção das regiões constituem falas sobre o nordestino (ou o sertanejo de Goiás, o norte mineiro, o caboclo amazonense) "este é só o nível referencial delas. Em sombras permanece o sentido indéxico das mesmas, a auto-

referência implícita do falante: o que afirma o paulista sobre si mesmo quando fala do nordestino [e de todos os outros sociais e geográficos]?" (SEGATO, 1993, p. 214).

Desse modo, fica claro que os estudos pós-coloniais e subalternos acrescentam a importante pergunta posta por Partha Chatterjee: comunidade imaginada por quem? (CHATTERJEE, 1993, 2008). São os fragmentos discursivos e interacionais da região e da nação vivida e significada em diferentes contextos de enunciação que devem ser recolhidos e postos a falar (CARVALHO, 2001). Sua interpretação, contudo, não pode esquecer dos processos amplos de que fazem parte, os quais são relativos aos conflitos, combates, lutas de classificação próprios da instituição das fronteiras e da definição legítima da região (BOURDIEU, 1989).

Considerações finais: nação, espaço, diferença

Os trabalhos apresentados acima revelam os diversos agentes sociais e contextos de enunciação que intervém poderosamente no terreno das representações das fronteiras geográficas e sociais entre culturas, cabendo-lhes a autoridade de imputar identidades regionais e nacionais no âmbito de seu exercício narrativo próprio.

Sendo assim, a abordagem aqui sugerida transita pela literatura sobre nações e nacionalidades no ponto exato em que trazem a interrogação sobre a identidade nacional por meio de suas fissuras, incongruências e incômodos que vem de dentro ou que já estejam dentro do espaço reconhecido de uma nação. Pois é certo que os assuntos de que tratamos falam que "the 'other' is never outside or beyond us; it emerges forcefully within cultural discourse, when we *think* we speak most intimately and indigenously 'between ourselves' (BHABHA, 1990, p. 4, grifo original).

Tal como nos mostra Abdelmalek Sayad (1998) para a imigração, os temas dominantes das representações regionais dominantes hierarquicamente não são apenas realidades nacionais, mas são sobretudo *problemas* nacionais. É a posição problemática (e incômoda) das situações identificadas pelos narradores que deve ser objeto de desnaturalização. Existem coincidências do discurso em torno da imigração com o discurso regionalista dominante em questão: o uso de dados geográficos que são também dados históricos e políticos; o esquema classificatório que sempre indica de onde são as pessoas, no qual a remissão à sua condição de origem (país, nacionalidade, regionalidade) é a informação

básica para a construção de perfis ou na evocação de imagens que figurem o sujeito, o seu grupo e o lugar de onde vêm ou onde vive; a delimitação de territórios para os de lá e os daqui (mesmo no caso em que todos possuem o mesmo estatuto jurídico de co-nacionalidade).

Precisamente, esses enunciados são constructos em torno da diferença com engenhosidades semelhantes àquelas desmontadas por Sayad no caminho entre Argélia e França. Quando elas dão notícia da alteridade, tratam mesmo é da identidade: "fala-se objetivamente de si quando se fala dos outros" (SAYAD, 1998, p. 21).

Existem centros e periferias entre as nações e internamente a cada uma delas. Tudo, na verdade, se refere a um só e mesmo processo: a instituição hierárquica dos critérios de pertinência a uma nação quando se erguem fronteiras para o lado de dentro e o de fora. Claudio Lomnitz chama a atenção para o caráter de interdependência entre esses termos, os quais se referem a relações que estão em constante negociação (cf. LOMNITZ, 1999, p. 184). Os sujeitos que se imaginam centrais só o são porque vêem outros como marginais ou periféricos. A condição de centralidade e marginalidade, cultural e economicamente determinada, não está cristalizada de uma vez por todas em um lugar ou outro (cf. LOMNITZ, 1999, p. 185). A partir desses trabalhos, podemos entender tais representações sobre o Nordeste ou Minas Gerais como um discurso que movimenta essas relações, produzindo muitas vezes o efeito de fixação desses atributos, como se fossem naturais, permanentes e não-relacionados. Apenas a análise aguçada poderá deixar à vista seus efeitos de construção, de fabricação, dessas realidades simbólicas tão poderosas, porque presentes nas racionalizações da vida social e nos afetos dos sujeitos que vivem o/no espaço.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo/Recife: Ed. Cortez; Ed. Massangana, 1999.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BHABHA, Homi K. "O pós-colonial e o pós-moderno. A questão da agência." In:___. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. "A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo". In:___. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. "DisseminNação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna". In:___. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. "A identidade e a representação. Elementos para um arflexão crítica sobre a ideia de região" In: ___. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1989.

CARVALHO, José Jorge de. "O olhar etnográfico e a voz subalterna". *Horizontes Antropológicos* 7 (15): 107-147, julho 2001.

CHATERJEE, Partha. *The nation and its fragments. Colonial and postcolonial histories*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

CHATERJEE, Partha. "La nación en tiempo heterogéneo"; "Comunidad imaginada: ? por quién?" In: ___. *La nación em tiempo heterogéneo y otros estudios subalternos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianeiros. Englobamento, exclusão e resistência.* Brasília: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, DAN/UnB, 2003 (Tese de Doutorado).

DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus*. O sistema de castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1992.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FABIAN, Johannes. "Time and writing about the other". In: ___*Time and the other. How Anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press, 1983.

GUBER, Rosana. "El Cabecita Negra o las categorias de la investigación etnográfica en la Argentina" In: VISACOVSKY, S. e GUBER, R. (comp.). *Historia y estilos de trabajo de campo em Argentina*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2002.

GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. "Culture, power, place: ethnography at the end of an era"; "Beyond 'culture': space, identity and the politics of difference". In: ___(eds.). *Culture, Power, Place*. Explorations in critical anthropology. Durham: Duke University Press, 1997.

HERZFELD, Michael. "On definitions and boundaries" e "The practice of stereotypes". In: ___. *Cultural Intimacy. Social Poetics in the Nation- State*. New York: Routledge, 1997.

LOMNITZ, Cláudio. El centro, la periferia y la dialéctica de las distinciones sociales en una provincia mexicana. In: ___. *Modernidad indiana*: nueve ensayos sobre nación e mediación en México. México: Planeta, 1999. p. 151-186.

MIGNOLO, Walter. "Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais? As políticas e sensibilidades dos lugares geoistóricos". In: ___. *Histórias locais/ Projetos globais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PECHINCHA, Monica Thereza Soares. *O Brasil no discurso da antropologia nacional*. Goiânia: Cânone Editorial, 2006.

SAID, Edward W. "Introdução". In: ___. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras: 1990.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SEGATO, Rita Laura. "O que faz ser paulista?" *Estudos Feministas*, v. 1, n. 1, 1993.

SEGATO, Rita Laura. "Introducción. Políticas de la identidad, diferencia y formaciones nacionales de alteridad. In: ___.*La Nación y sus Otros*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

SENA, Custódia Selma. *Interpretações dualistas do Brasil*. Goiânia: Editora UFG, 2003.

SOUZA, Candice Vidal e. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1997.

SOUZA, Candice Vidal e. "Cartografias jornalísticas da nação: reportagens da Folha de S. Paulo (1974-1994). In: ___. *Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SOUZA, Candice Vidal e. "O sertão amansado". *Sociedade e Cultura*, v.13, n. 1: 101-110, jan/jun 2010.

SOUZA, Candice Vidal e. "O Nordeste: algumas narrativas de lugares, gentes e modos de vida". *História da Historiografia*, n. 6, p. 228-233, 2011.

Recebido em: 16/12/2011. Aceito em: 22/01/2012.